

A PRIMEIRA CASA PRÉ-FABRICADA EM FRANCA

Essa novela ocorreu anos atrás quando, em minhas pesquisas sobre a história da arquitetura de Franca, lembrei-me de uma casa diferente que havia sido construída na rua Afonso Pena lá pelos anos 1960. Vagamente, recordava que havia alguma ligação da casa com o falecido médico Alberto Blucher, que tinha sido meu professor de química no colegial do IETC e com a família Derruci, cujo patriarca Atílio foi um pioneiro das lutas sociais e da esquerda na cidade. Durante o longo período em que o Partido Comunista ficou na clandestinidade e também durante a ditadura, Atílio foi um dos militantes que, à noite, desafiava a repressão para pintar a foice e o martelo nas paredes desta importante cidadela do Tucanistão.

A família do Blucher mudou-se daqui após sua morte. Tentei contato através da editora Blucher, mas a informação é que não tinham mais contato com o ramo francano da família. Anos mais tarde, localizei nos Estados Unidos a viúva do Alberto numa rede social, mas não obtive novos elementos. Ao pesquisar o assunto acabei descobrindo que a Glauce, esposa do José Luiz Derruci (filho do Atílio), era funcionária do INPS, onde também atuava o médico Alberto Blucher e retomei o fio de Ariadne. Em meados dos anos 60, a Leda, esposa dele, tinha conseguido a representação da venda de casas pré-fabricadas de uma empresa paulistana, mas parece que era o Blucher que as vendia, pois tinha muitos contatos na cidade, era um sujeito bonachão e conversador.

Atílio Derruci articulou a compra de três unidades. A primeira onde mora o Marquinho Derruci, a segunda onde viveu o José Luiz e uma terceira que não chegou a ser levantada, ficou só nas fundações. A empresa “Prumo Engenharia Moderna de Pré-fabricados” teve problemas financeiros e não concluíram as unidades combinadas, o sonho da pré-fabricação e da produção seriada entrou em colapso.

Visitei a que restou intacta quando comecei a pesquisar o assunto. O morador (a casa estava alugada) permitiu minha entrada e fotos, que mostram as paredes em placas pré-fabricadas em concreto armado vibrado com isolante termo-acústico, a cobertura com telhas de fibrocimento (canalete 43 da Eternit), o piso em Paviflex e o forro de Eucatex isolante. Não pude continuar os trabalhos de pesquisa, pois fugiam ao foco das minhas atividades de pesquisa em planejamento urbano, mas é um assunto que ainda pode render se encontrar algum estudante que se interesse por história e técnicas de construção.

Afinal, não há solução para o grave problema habitacional brasileiro sem resolver o nó da terra urbana infraestruturada (que passa pela democratização da política urbana) e o aumento da produtividade e da qualidade de sua construção civil, ainda atrasada em relação ao restante da produção industrial. Produzir milhões de habitações de interesse social e requalificar outras milhões existentes em mau estado e transformá-las em cidades verdadeiras são um desafio que ainda estamos distantes de atender, especialmente após o golpe que retirou a presidenta eleita pelas urnas e vem implantando políticas antissociais.

Mauro Ferreira é arquiteto